

O Futebol Feminino e as Representações dos Estudantes Sobre Gênero e Lazer em uma Instituição Escolar

Female Soccer and Student Representations on Gender and Leisure in a School Institution

Recebido em 01/02/2019

Aceito em 24/04/2019

Amarildo da Silva Araujo¹

Cristiane Miryam Drumond de Brito²

Resumo:

O futebol é um esporte predominantemente masculino, que representa um ambiente de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade. Em linhas gerais, no futebol feminino têm ocorrido reconhecidos avanços. Este estudo tem por objetivo identificar as representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte. Como metodologia, utilizou a análise de documentos e a técnica do grupo, com a participação de oito estudantes. Os resultados indicam que, na instituição escolar em questão, predomina o imperativo da masculinidade no futebol, baseado na distinção de homens e mulheres por critérios biológicos e o lazer no futebol deve ser vivenciado por todos independente do gênero. Isso tem implicado preconceitos, desigualdades, hierarquias e sexismo para com a prática do futebol feminino.

Palavras-chave: Futebol Feminino; Estudantes; Representação; Lazer; Educação.

Abstract:

The soccer is a predominantly male sport, representing an environment of preservation and public expression of traditional norms of masculinity. In general, in women's football there have been recognized advances. This study aims to identify the representations of female soccer students in a public school in Belo Horizonte. As methodology, it used document analysis and group technique, with the participation of eight students. The results indicate that, in the school in question, the imperative of masculinity in soccer predominates, based on the distinction of men and women by biological criteria and all regardless of gender should experience leisure in football. This has implied prejudices, inequalities, hierarchies and sexism towards women's soccer practice.

Keywords: Women's Football; Students; Representation; Leisure; Education.

¹ Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor da Educação Básica e Membro do Grupo de Estudos de Futebol e Torcidas. GEFuT. asabhz@gmail.com.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer. cdumonddebrito@gmail.com

Introdução

O futebol como um elemento fundamental da nossa cultura pode ser visto como uma simples prática esportiva, ou como um complexo fenômeno inserido na sociedade brasileira. Como prática cultural, não se limita às linhas do campo de jogo e constitui em importante elemento de (con)vivência de lazer de muitos brasileiros. Para a grande parte da população brasileira, é um referencial de lazer tanto na prática (o jogador) e como espectador, esse esporte se legitima na perspectiva do lazer, criando formas de sociabilidade.

Considerar o futebol como vivência de lazer em diferentes dimensões da cultura implica em pensar como Daolio (2006, p.116), tomando o futebol como “parte da cultura brasileira e, assim, entendê-lo como um espaço no qual o povo pode dramatizar, vivenciar e atualizar emoções”. Portanto, é possível tematizar o futebol como: arte, linguagem, espetáculo, mercadoria, profissão, produção do conhecimento, instrumento político, como veículo e/ou objeto de educação, relação de poder entre grupos, a diversidade de gênero, dentre outros.

Na cultura brasileira em linhas gerais, podemos dizer que, enquanto a mulher expandiu rapidamente a sua ocupação fora do ambiente doméstico nas últimas décadas, no futebol embora vem ocorrendo nos parece mais lenta. Isso se verifica tanto no que diz respeito à prática do futebol feminino³, quanto em outras formas de envolvimento com este esporte, como a participação em torcidas, vestindo a camisa do seu time, ou como árbitras, jornalistas especializadas, comentaristas e apresentadoras de programas de futebol no rádio e na TV, mais recentemente a transmissão de jogos de mulheres.

Segundo Franzini (2005), o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde o seu início, um espaço predominantemente masculino e, como esse espaço não é somente esportivo, mas também sociocultural, os valores nele contidos e dele derivados colocam contornos nem sempre claros e bem definidos.

Muitas alunas dificilmente teriam condição de vivenciar a prática futebolística se não fossem as aulas dessa modalidade esportiva nas quadras das instituições escolares. Apesar de terem ocorrido avanços do futebol feminino na Educação Física escolar, é sabido que nas escolas há resistências tanto dos alunos em relação ao jogo das alunas, quanto entre as próprias estudantes.

Identificar as representações presentes no meio escolar contribui para o entendimento e possíveis avanços no combate contra o preconceito da prática do futebol feminino. Em busca das representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino, recorreremos a Chartier (1990), para quem a cultura ou as diversas formações culturais podem ser examinadas na relação interativa entre a prática e a representação.

Em linhas gerais, as representações são “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Elas envolvem as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real; mudam de acordo com as disposições dos grupos, classes sociais ou meios intelectuais; produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas.

Dessa maneira, “nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto às lutas

³ Utilizei a expressão futebol feminino por ser mais conhecida, cabe dizer que futebol de mulheres é mais recente.

econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Para o autor, as representações revelam as “posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Essa perspectiva é fundamental em sua compreensão acerca do funcionamento de uma sociedade. Ela, por isso mesmo, pode ser transposta para se identificar as representações do futebol feminino na escola.

Assim, a partir da ideia de representação de Chartier, sobre o mundo da cultura, centrada nas relações entre as práticas e as representações, buscou-se a representação do futebol feminino na Educação Física escolar e uma reflexão sobre a situação encontrada, tendo em vista que essa modalidade é um direito de todos e todas.

Referencial teórico

As conquistas das mulheres nos últimos tempos têm avançado em diversos campos. As mulheres têm ampliado sua participação no mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que afirmam seu direito ao próprio corpo, a viver a sua sexualidade e a fazer as suas escolhas. Quanto às questões de gênero, ainda podem ser notados modelos de feminilidade ancorados em padrões tradicionais, os quais, aliás, regem a maneira de ser e de viver das mulheres. Tais maneiras são reafirmadas em diferentes espaços, dentre eles o esporte e a escola. Goellner (2001) nos diz que o gênero é a construção social do sexo e o que diferencia homens e mulheres não são apenas aspectos biológicos, mas sociais, históricos e culturais.

Ao tratar do campo futebolístico, Moura (2005, p. 138) chama a atenção para o fato de a formação, determinação e manutenção dos papéis sexuais “acontecerem no seio familiar e na escola”. A relação das mulheres com o futebol e a inserção do futebol feminino na escola, além disso, implicam um direito a um novo espaço a ser conquistado pelas mulheres, sobretudo porque a escola é um local especializado de aprendizado, de produção de conhecimento, troca de saberes, ressignificações, enfim, de educação.

As desigualdades sociais entre homens e mulheres são naturalizadas e remetidas, geralmente, às características biológicas. Explicá-las, porém, por esse modo, tornou-se algo frágil. As explicações precisam ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nos saberes dos contrários, nas formas de representação e não nas diferenças biológicas. É certo que:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre desta distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter um caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender – e *justificar* – a desigualdade social (LOURO, 2003 p.20-21).

Goellner (2005) considera que são vários argumentos possíveis que procuram explicar a pouca visibilidade dada às mulheres no futebol brasileiro. A autora recorre a dois deles, que são facilmente identificados em vários espaços sociais:

a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e ou as lutas (GOELLNER, 2005, p. 143).

O discurso preconceituoso referente à prática do futebol feminino não vigora somente nos estádios e nos campos. Ele está presente nas instituições escolares e fora delas. A expressão “o futebol não é para meninas” chega às crianças não somente nas aulas de Educação Física, nos momentos do recreio, mas também nas brincadeiras de rua e em vários outros contextos socioculturais. Para Altmann (1999), a associação do esporte à masculinidade varia de acordo com a modalidade, e na escola, o futebol é considerado o mais masculino dos esportes.

Lovisoló *et al* (2009) alegam que o maior número de razões para a supressão feminina do futebol no contexto escolar se dá pela falta de conhecimento sobre o esporte, ou de habilidade para a prática por parte das mulheres. No entanto, ao se alegar tais razões, não elencam as causas que levam às diferenças das habilidades entre meninos e meninas.

Culturalmente, o esporte tem-se apresentado como uma prática onde a masculinidade se aprende e se afirma a valorização do homem e a desvalorização da mulher (LESSA, 2005). Assim, as aulas de Educação Física, em boa medida, podem tornar-se espaços de exclusões.

Para Lacerda, Pereira e Camino (2002), o esporte prioritariamente para homens é repleto de virilidade masculina. Essa associação tem alguma aproximação com a concepção prescritiva de que no futebol não deve haver lugar para os afeminados ou, muito menos, para o feminino.

Assim, pode-se inferir que a educação de meninos e meninas é fortemente marcada pela determinação do que é destinado e entendido pela heteronormatividade como masculino e viril, de um lado, e feminino e adorado, de outro. Isso apresenta reflexos nas instituições escolares, sobretudo nas aulas de Educação Física, um espaço que requer predominantemente o uso da linguagem corporal, com discriminações e preconceitos de gênero polarizando as identidades.

Separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula; é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são, e negar aos meninos e meninas a possibilidade de cruzá-las; é furta-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados (ALTMANN, 1999, p.176).

Essa polarização, que se traduz no binarismo de gênero e postula que as pessoas são inteiramente homens ou mulheres, com atitudes restritas ao campo feminino ou masculino, conseqüentemente, silencia e oprime outras formas de gênero que existem. Os discursos e as práticas desse modelo vão criando padrões de normatividade que excluem e discriminam quem não se encaixa nesse modelo ou que apresenta um determinado sexo e possui um comportamento que se aproxima do outro.

Souza e Altimann (1999) afirmam que, nas aulas de Educação Física,

não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 56).

Segundo Goellner (2006),

a representação de que o futebol masculiniza a mulher só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada pólo contém. Representa, ainda, admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve evitar que ela transponha alguns limites culturalmente construídos e identificados a partir da sua configuração biológica tornando-se portanto, imperiosa a sua feminização (GOELLNER, 2006 p. 4).

Portanto, no futebol são evidentes a hierarquia e o binarismo. Além disso, a presença do sexismo é reproduzida dentro do próprio esporte, gerando o rebaixamento e a desqualificação do feminino. Essas representações são algumas das barreiras que estão previamente estabelecidas para serem enfrentadas e superadas na prática do futebol feminino na escola.

Referencial metodológico

Esta pesquisa de abordagem qualitativa é um estudo de caso. A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de ensino médio de Belo Horizonte escolhida por meio de um sorteio aleatório.

A pesquisa documental foi baseada no Currículo Básico Comum (CBC), o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o plano de curso da disciplina Educação Física.

Os dados dos sujeitos participantes foram obtidos a partir da aplicação da técnica do grupo focal realizada com quatro alunos e quatro alunas do terceiro ano do ensino médio. Para a identificação dos sujeitos, foram utilizados os seguintes códigos: sexo masculino: M1, M2, M3 e M8; sexo feminino: F4, F5, F6 e F7.

Os alunos que participaram da pesquisa foram selecionados pela professora de Educação Física e pela supervisora do turno da manhã. Foi solicitado maior diversidade

de gênero e interesses diversos pelo futebol, inclusive alunos que não gostavam. O critério foi contemplar a maior variedade/diversidade sobre essas questões.

A identificação das representações foi feita a partir das ideias de (CHARTIER, 1990). A principal preocupação foi identificar, nas narrativas, as formas pelas quais o futebol é representado, aproximando-se ao máximo da realidade dos participantes, a fim de identificar as suas representações sobre o futebol feminino.

Análise dos dados

Análises dos documentos pesquisados

Foi analisado o documento oficial denominado Conteúdo Básico Comum (CBC) da disciplina Educação Física, que se constitui na proposta do Governo Estadual de Minas Gerais para os últimos anos do ensino fundamental e Ensino Médio. Quanto aos documentos da escola, a proposta foi analisar o PPP e o plano de curso dos professores. Entretanto, estes não foram investigados em função de não terem sido disponibilizados, mas a docente da cadeira informou que não há referência alguma sobre o futebol feminino nos registros do planejamento anual.

Não há referência alguma direta ao futebol feminino, nem mesmo a questão de gênero no CBC de Educação Física do ensino médio. Porém, de modo indireto no eixo temático “Esporte”, aparece no tópico “8.4. Compreender as influências histórico-culturais na participação da mulher no esporte” (SOUSA, 2006, p. 50).

A ausência da inserção do futebol feminino no CBC, PPP e plano de curso são significativas, pois demonstram a fragilidade e a invisibilidade dessa modalidade esportiva no contexto escolar, apresentando implicações teóricas (sexismo), uma vez que a sua ausência induz a pensar somente no futebol masculino, e implicações práticas (direito e preconceito), que parecem ser invisíveis para a educação.

Análises dos dados de campo e discussão

Algumas falas dos alunos e das alunas sobre o futebol feminino revelam as representações que os mesmos têm na escola e na sociedade.

Para M1: *“É pouco valorizado não tem muita ênfase como o futebol masculino e na escola não é muito praticado. Há um interesse menor das meninas em praticar na Educação Física. A maioria das mulheres não levam [sic] jeito para jogar, mas pessoalmente não tenho nada contra a mulher jogar”.*

A fala do aluno M1 representa, em boa medida, a pouca visibilidade e reconhecimento do futebol feminino. Goellner (2005, p. 143) nos diz: “vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar ou, ainda, explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro”. Ainda a autora baseia-se em dois argumentos principais para justificar a pouca visibilidade que resulta na baixa valorização e em pouco reconhecimento do futebol feminino: “... a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza”. Tudo isso indica uma expectativa estereotipada do que venha a ser a mulher e de como deve ser o seu comportamento em relação ao homem. Além disso, culturalmente, o esporte tem se apresentado como uma prática em que a masculinidade

se aprende e se afirma, valorizando-se o homem e a desvalorizando-se a mulher (LESSA, 2005).

Para M3, *“tem muito machismo”*; enquanto segundo M8, *“o machismo ocorre devido à falta de igualdade de gênero”*. Essa última fala em especial introduz o gênero como uma categoria que ultrapassa a ideia de sexo. Segundo M3, *“a questão é uma questão de cultura”*. Essas falas são emblemáticas no que diz respeito às representações da prática do futebol feminino em termos da história cultural de nosso País. Para Chartier (1990), as representações estariam relacionadas aos sujeitos pesquisados como produtores e receptores de cultura.

Outra representação do futebol para alguns participantes está relacionada à mídia. Segundo M2, *“a ênfase é dada no futebol masculino”*; já para F6, *“a mídia deveria valorizar o futebol feminino”*; para M1, *“o investimento é no masculino”*, parecer similar ao de M3, para quem *“o futebol feminino não dá dinheiro”*; já conforme F4, *“há uma manipulação do público por meio do futebol”*.

Segundo M3: *“Hoje a mulher entrou mais no futebol, não vejo tanto preconceito com mulheres que gostam de torcer ou praticar. Não concordo com os nomes pejorativos (Maria homem). Fisicamente o homem é mais forte, mas podem jogar homens e mulheres juntos ou separados. Tem escolas que não deixam as meninas jogarem. No interior tem mais preconceito com o futebol feminino”*.

Quando M3 diz que *“...não vejo tanto preconceito...”*, isso significa que ele está presente e não é algo velado. A sua representação é de forma explícita, porém o preconceito aparece revestido de atenuante na sua intensidade. Vale lembrar que M3 fala de um “lugar” de aluno, de homem. Para Altmann:

Separar meninos e meninas nas aulas é estabelecer uma divisão polarizada entre gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, [...] é furtar-lhes de antemão, a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados. (ALTMANN, 1999, p. 176).

M3 relata que *“tem escolas que não deixam as meninas jogarem. No interior tem mais preconceito com o futebol feminino”*. Esse quadro é um exemplo extremo da generificação, como aponta Altmann (1999), do preconceito e do machismo.

De acordo com F6 *“o futebol feminino sofre com o machismo. Os homens não gostam de jogar futebol com as meninas. A cultura já diminui a prática do futebol feminino na escola. Ex. ‘Menina não gosta de jogar, tem que ficar fazendo unhas’. A mulher sofre preconceito por jogar futebol e ganha nomes provocativos (Violenta, Bruta, Huck, Maria Macho). Tem preconceito, mais vai avançando, é um clichê que as mulheres vão sofrer”*.

Para essa estudante, o futebol feminino é recusado pelos homens. A representação da prática feminina é cercada pelo machismo e por diferentes formas de preconceito. Segundo a aluna F6, *“a cultura reduz a prática do futebol feminino no ambiente escolar”*. Esta realidade sobre a restrição da prática revela-se também na pesquisa documental.

De acordo com F5: *“É preciso mais imposição do professor, há mais atividades para o futebol masculino. A escola tem que insistir para a professora ceder a quadra para as meninas e os meninos ridicularizam. Isso desanima as meninas. Inicialmente os alunos achavam que só eles tinham direito. O tempo de aula deve ser dividido entre homens e mulheres. Antigamente eu gostava mais. Os meninos ridicularizam o futebol feminino 20 minutos para as meninas e 30 para eles”*. Essa fala demonstra que a luta, o interesse e que há resistência por parte da(s) aluna(s). F5 vê a participação feminina como uma

forma natural: *“Ainda tem preconceito, mas a coisa vai se naturalizando e com o tempo as barreiras vão sendo rompidas”*.

Portanto, embora F5 tem uma representação negativa da situação do futebol feminino na escola, ela concebe concomitantemente a participação feminina, identifica o aspecto tenso/conflituoso e vê no passar do tempo a possibilidade de melhoras para que o futebol feminino seja concebido de forma naturalizada.

Para M1 *“Não dá certo homem jogar com mulheres, os homens vão machucar as meninas”*, revela uma perspectiva preconceituosa e machista, que exalta as diferenças entre os sexos. Louro (2003) afirma que:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos recorre desta distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter um caráter de argumento final, irrecorrível. [...] a distinção sexual serve para compreender – e justificar – a desigualdade social (LOURO, 2003 p. 20-21).

Para F6, *“quando uma mulher erra há sempre um comentário provocativo: tinha que ser mulher, vai pilotar fogão, mulher não sabe nada. Se a mulher quiser entrar no mundo do futebol, ela terá que enfrentar todas as barreiras sociais e culturais, mas basta insistir que a mulher conquistará seu lugar. Os homens não conseguem distinguir o futebol competitivo do recreativo, quando joga com mulheres”*.

As representações aqui são consideradas parte do quadro preconceituoso existente contra a mulher, porém a participante F6 demonstra que está ciente das dificuldades que enfrentará para superar as barreiras. A Educação Física tem as competências para promover o esclarecimento e o convívio entre a abordagem competitiva e recreativa do futebol e demais esportes, para atender a todos e a todas. A orientação disciplina, mediar e esclarecer as diferentes perspectivas de práticas é tarefa do profissional que está à frente do grupo.

Segundo F7: *“os homens, quando estão jogando com mulheres, têm que respeitar, controlar e manejar na força e competitividade, pois na escola o futebol é recreativo”*. As aulas de Educação Física não podem ser confundidas com aulas de treinamento (rendimento performático), e o que essa fala representa é a reivindicação de direitos. O sexismo, no campo do futebol, procura sobrepor a prática competitiva à recreativa, tornando-a praticamente invisível.

Segundo M8: *“Se houvesse uma educação das crianças para que entendam e respeitem a participação das meninas no futebol feminino, já ajudaria a quebrar o preconceito e o tabu. O homem não facilitaria o jogo, só por estar jogando com mulheres”*. A desigualdade de gênero, o nosso histórico cultural nessa área e outros fatores fazem com que o futebol feminino seja desacreditado e que a mulher não entenda de futebol e nem o pratique de modo expressivo na escola e em nossa sociedade.

A fala de M8 procura contribuir para romper com o preconceito e o tabu por meio da educação a partir do período da infância. Essa representação busca uma perspectiva diferente das demais apresentadas pelo grupo.

Percebe-se que o tabu para os estudantes tem a representação fundamentada no predomínio masculino do futebol e no preconceito voltado para a prática do futebol feminino, em razão de um modelo biológico, baseado no sexo e que polariza e distingue

o homem da mulher e o masculino do feminino. Não se trata de um modelo sociocultural que utilize como referência a categoria de gênero e sim de um binarismo entre os sexos. Dessa forma, o futebol feminino tem sofrido o preconceito de diferentes formas.

No desenvolvimento deste estudo, temos a fala de F7 sobre a posição do futebol feminino na escola, “Fica entre os últimos”, parece resumir e representar com coerência do lugar do futebol feminino na escola. A ideia que se tem da representação é que, para que ele ocorra na escola e efetivamente passe a ser um conteúdo pedagógico nessa instituição escolar, são necessárias mudanças. Por isso, um caminho promissor passa por uma discussão e organização coletiva, pois existe a demanda feminina, a resistência em negociar igualmente espaço e estabelecer e ou determinar os limites das regras de convivência.

Todos os participantes foram unânimes reconhecendo o futebol como uma importante atividade de lazer na sociedade brasileira, destacando que é predominante a presença dos homens, mas que tem aumentado o interesse das mulheres pelo futebol tanto como jogadoras como torcedoras e frequentadoras nos estádios.

Considerações finais

De acordo com os dados levantados sobre a pesquisa documental no ensino médio, não foi encontrada citação alguma referente ao futebol feminino. Essa ausência de registro indica que essa prática esportiva, na modalidade feminina, ocupa um lugar periférico e invisível. Portanto, os documentos pesquisados dialogam em direção semelhante à prática encontrada na escola investigada.

Este estudo mostrou que a representação do futebol feminino, para alunos e alunas na instituição pesquisada, tem ocorrido fundamentalmente na distinção de homens e mulheres por critérios biológicos e não pela construção de gênero. Isso tem gerado e reproduzido o binarismo, preconceitos, desigualdades, hierarquias e sexismo, situação nociva para a prática do futebol feminino, ainda que reconheçam esse esporte como uma importante vivência de lazer para os diversos gêneros. Dessa forma, o futebol tem sido também uma prática educativa excludente.

A escola, como lugar de aprendizagem e saberes, não pode silenciar-se diante da desigualdade de direitos e do sexismo. A igualdade esperada pode ser entendida como equidade. Portanto, é imprescindível a Educação Física valorize a diferença de todos e todas, ofertando atividades que possam ser praticadas por todo grupo para contribuir com a formação e construção do ser social.

Referências

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: maris (e) homens na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, p. 112-117; 175-176, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 3. ed. rev. São Paulo: UNICAMP, 2006. 150

FRANZINI, Fabio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº

50, p. 316-328. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>
Acesso. 13/jun/2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na "Pátria das Chuteiras" as Mulheres não Têm Vez. In: **ANAIS DO VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO**, 2006. Florianópolis. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf p 1- 6. Acesso 12 Out. 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/16590-19740-1-PB.pdf>. Acesso 12 Out 2015.

GOELLNER, S, V. Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos? In: VOTRE, S. **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio Janeiro: Gama Filho, 2001.

LACERDA, M. PEREIRA, C. CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15, 165-178. 2002.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Revista Motrivivência**. Florianópolis: UFSC, ano XVII, n.24, p.157-172, jun 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUSA, E. S. de. *et al.* **Proposta curricular**: educação física: ensino fundamental e médio. [Belo Horizonte]: Secretaria do Estado de Minas Gerais, [2006?].

SOUSA, E.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, 1999.